

## LEI COSÌ AMATA: VIAGEM EM BUSCA DE IDENTIDADE

Sara Debenedetti

(Doutoranda em Teoria Literária e Literatura Comparada)  
(Universidade de São Paulo)<sup>1</sup>

**RESUMO:** O romance *Lei così amata* (2003), da jovem escritora italiana Melania Mazzucco, traça a breve vida da jornalista, fotógrafa, viajante Annemarie Schwarzenbach que, nos anos mil novecentos e trinta, inicia uma série de viagens no Oriente e no Ocidente.

A autora reconstrói essas viagens, singulares pela época, onde a passagem das fronteiras se traduz em abertura para novos modos de ver, pensar e viver. Ao mesmo tempo, Mazzucco percorre outra difícil viagem, em busca da identidade de sua heroína, por meio de uma narrativa que mescla ficção e realidade. Esta última viagem faz emergir a problemática do “outro”, a alteridade que a literatura – e talvez o romance melhor que outros gêneros – é capaz de trazer à tona.

**Palavras chaves:** viagem, escrita, identidade

*Lei così amata* (*Ela assim amada*): a citação de um verso de Rilke serve de título para o livro e define a protagonista desse romance da escritora italiana Melania Mazzucco. *Lei così amata* trata da jovem Annemarie Schwarzenbach, jornalista, fotógrafa, escritora suíça que viveu na primeira metade do século XX. Partindo de documentos histórico-biográficos e dos próprios livros de Schwarzenbach, Mazzucco percorre a breve vida dessa mulher e reconstrói sua imagem reinventando sua história, equilibrando-a entre a realidade e a ficção.

Nada mais adaptável a uma personagem como essa da protagonista Annemarie, sempre transitando entre mundo diversos: o mundo da geração que viveu o início do século e a Primeira Guerra Mundial e o da nova geração que viveria a Segunda Guerra, o mundo que vivenciou o nacional-socialismo e o comunismo, o mundo europeu e o oriental, o universo da alta burguesia da qual ela provinha e o mundo dos marginalizados onde muitas vezes se encontrava, o mundo da família e o dos amigos, o mundo masculino e o feminino, e, por fim, o mundo que a cercava e o mundo que existia dentro dela.

A realidade encontra dois grandes eixos dentro do romance em questão: tratam-se de dois capítulos nos quais a autora entra como narradora e protagonista da pesquisa documental sobre Annemarie nos lugares onde ela teria vivido e onde faleceu. Contudo, a linha que divide esses escritos documentarísticos e o romance ficcional é muito sutil na narrativa. Todo o enredo é um minucioso costurar e recosturar de documentos, imagens, realidade, ficção.

Mazzucco percorre a vida da protagonista em um movimento que avança e retrocede, como uma onda do mar que recai sobre si mesma e se une à onda sucessiva antes de alcançar a praia. O tempo linear da narrativa é interrompido por *flashbacks*, ambos alternam-se e entrelaçam-se. Alternam-se também os lugares, os quais são palco da ação das personagens que gravitam em torno da protagonista. O tempo da narrativa, no entanto, apesar dos entrelaçamentos, consegue manter uma inevitável linearidade em sua totalidade; os lugares nos quais se desenvolvem as ações criam linhas confusas que se atravessam, se imbricam, partindo e retornando todas, no entanto, do (e para) o mesmo ponto: Bocken, próximo à Zurich, onde encontra-se a casa da família da protagonista, onde ela viveu sua

infância e adolescência - “Mais o centro permanente de sua vida, a sua única casa é esta” (MAZZUCCO, 2003, p.257) - , e, em seguida, Sils, onde Annemarie consegue ter sua própria casa.

Este movimento de forças centrífuga e centrípeta é constituído das viagens que, a partir da Suíça, Annemarie faz na Alemanha, na França, na Turquia, na Síria, no Afeganistão, na Persia, na União Soviética, no Marrocos, nos Estados Unidos, no Congo, alternando-se entre um lugar e outro com paradas de poucas semanas , ou meses, in Bocken. Viagens essas que são a trabalho, sim, para fazer correspondência e reportagens fotográficas para jornais, mas eram também de exílio voluntário, para distanciar-se do clima da Europa que pouco a pouco caía nas mãos do nazismo, mas eram, sobretudo, uma fuga do ambiente da alta burguesia no qual foi criada e dentro do qual não se reconhecia, era uma fuga da sua família que a queria de uma forma deferente daquela que ela era, e na qual se sentia quase uma estranha, em busca da própria identidade.

“Mas ela fugiu deste paraíso artificial, de Bocken, da sua família e da Suíça, deixando para trás apenas a sua ausência”. “O que ela estava procurando no exterior? Ela mesma. [...] Annemarie escreveu ao pai dizendo estar em busca de sua felicidade, mas na verdade queria saber quem ela era.” (MAZZUCCO, 2003, p. 62 e 267)

Annemarie não tem nem vinte e cinco anos quando os nazistas tomam o poder na Alemanha, o que causa agitação entre a jovem e seus amigos de Berlim: Annemarie fica dividida entre o desejo de seguir os amigos Mann (filhos do escritor Thomas Mann), contrários ao regime e dispostos a deixar a Alemanha, e o temor de abandonar a sua família que, ao contrário, vê com olhos favoráveis a ascensão de Hitler.

“Não pode saber como deve sentir-se alguém que não tem mais um lugar no mundo para onde retornar, sem casa, sem pátria, sem nada. Alguém que foge da sua vida e de seu passado com dois baús cheios de coisas inúteis, porque o essencial não pode ser carregado em nenhuma bagagem. Consegue, porém, intuí-lo, pois não pode sequer conceber uma vida sem Bocken. Perder Bocken seria para ela perder o centro, tudo.” (MAZZUCCO, 2003, p. 99)

Mas decide, mesmo assim, partir: “Atirou-se de cabeça na empreitada de abandonar a Europa e os antigos rumos, [...]. A meta dessa “fuga” era inicialmente indiferente: poderia ser o México ou Ásia. O importante é que fosse longe de casa.” (MAZZUCCO, 2003, p. 71)

Não são apenas países longínquos ou próximos para os quais Annemarie partirá, são países nos quais se estende o deserto, de areia ou de pedra, ou seja, o lugar onde as estradas se confundem, o tempo e o espaço se perdem, não há o antes e o depois, o início e o fim, não há confins nem limites.

No outono de 1933, ela parte para a Ásia sozinha:

“Procurava um paraíso virgem, motivação de viver e escrever, buscava liberdade, buscava uma alternativa à Europa, bem como a felicidade e a si mesma. Sua viagem constituiu um ritual de iniciação e uma fuga: obrigava-se a enfrentar solidão e contratempos e cortar o fio condutor de sua existência costumeira. Trocava o lar familiar pelo deserto, a casa pela incerteza, amigos por efêmeros companheiros de viagem, conforto habitual pelo desconhecido. Não tinha rumo: desconhecia a duração da viagem, onde ficar e com quem. Procurava cidades não construídas para ela, bandeiras às quais não tivesse prestado juramento, rezas incompreensíveis, moradias que não iriam acolhê-la e labirintos onde ninguém indicaria os caminhos. Com o passar dos meses compreendeu que buscava uma terra prometida da qual tivesse posse exclusiva e que fosse inacessível à sua mãe, à sua família, à Érika e a seu passado. E quando compreendeu que qualquer terra prometida é inacessível, principalmente para ela, então se perguntou se não teria ido longe demais” (MAZZUCCO, 2003, p.127)

Essa sua primeira viagem é ao mesmo tempo separação e encontro. Separação de tudo aquilo que conhece, dos outros, encontro com o desconhecido, é na verdade encontro dela consigo mesma. Como diz o escritor Elie Wiesel, citado pelo filósofo Maldonato, “... **existe na separação o mesmo mistério que no encontro**. Em ambos os casos, abre-se uma porta. No primeiro abre-se para o passado, no segundo para o futuro. A porta é sempre a mesma”.(WIESEL, apud MALDONATO, 2001, p.109)

Todas as viagens que Annemarie faz são ‘passagens através da porta’, separações e encontros, passado e futuro. Sobre este enigma do tempo já Agostinho afirmava que a medida do mesmo é a recordação, ou seja, o que está gravado na memória, quando for passado, e da expectativa, quando for futuro. Recordação do passado e expectativa do futuro coexistem. O pensamento se divide entre aquilo que é feito e a expectativa daquilo que se fará. O momento presente do pensamento transporta aquilo que seria futuro ao estado de tempo passado. O tempo concebível é, portanto, o instante presente, que constrói a imagem mental do presente-passado e do presente-futuro, da ‘expectativa’ que se transforma em ‘memória’. “Não existem três tempos propriamente ditos, passado, presente, futuro, mas apenas três presentes: o presente do passado, o presente do presente e o presente do futuro (...) o presente do passado é a memória; o presente do presente é a intuição; o presente do futuro é a expectativa”. (AGOSTINO, 1964, p.269)

Os próprios tempos verbais da narração de Mazzucco reforçam essa co-presença de passado e futuro no presente: passado é aquilo que Annemarie deixa dentro de si, futuro é o que ela espera nos países estrangeiros e exóticos, – um futuro, uma incógnita não apenas temporal mas também espacial - o presente é o seu viajar.

Então as categorias da temporalidade e da experiência são fundamentais. A experiência vivida no tempo, ou o tempo vivido, é uma experiência humana onde consciência, presença e história coincidem. Entre a experiência temporal interior e o espaço acontecem relações e movimentos contínuos que envolvem emoções, desejos e vontade. Movimentos internos e externos que não deixam de ser viagens: nestes está condensado todo o romance, cujo tema é a **identidade**, ao redor da qual giram os outros: exílio, relação com a mãe, o ato de escrever, sendo que este último não é apenas a profissão desejada e efetivada, mas representa a liberdade e a sua própria identidade.

Cabe aqui lembrar uma reflexão de Edward Said, cujo ensaio *Reflexões sobre o exílio*, constitui uma análise perspicaz do exílio no mundo atual; observa que qualquer um que se tenha afastado da própria casa pode ser um exilado; existem diferenças entre exilado, refugiado, expatriado e emigrante. Expatriados e emigrados escolhem até certo ponto a própria condição: os expatriados escolhem viver em um outro país, em geral por motivos pessoais; o emigrante tem alguma possibilidade de escolha quando decide migrar. Exilado e refugiado são vítimas. “O exílio não é uma escolha, nascemos no mesmo ou então ele acontece”, diz Said (2003, p.57). A figura do exilado decorre do antigo costume do degredo, enquanto que o refugiado é característica do século XX, assumindo conotações políticas e ilustra a imagem de multidões em busca de ajuda; a imagem do exilado está associada à espiritualidade. “O exílio é solidão vinda de fora do grupo”, afirma Said (2003, p. 58).

Esta é a condição em que se encontra Annemarie que, nos Estados Unidos, é “hospede indesejada”, sendo inclusive expulsa de lá. Mas o pior ainda é dito pela própria mãe, que não considera mais possível que a filha viva na Suíça, próxima a ela. A mãe não aceita a vida da filha, Annemarie não teve vontade de ser como os outros e, portanto, deveria partir novamente:

“Com certeza poderia ter vivido de outro jeito, agradando você, papai, Fedy, os avós e todo mundo. Teria sido fácil, [...] não teria ficado sozinha, [...] Ah, se eu tivesse podido fazer como todos os outros, esperar minha vez, acompanhar a marcha, só fazer o que é previsto, mas eu quis seguir um outro rumo, [...] Eu poderia ter tido tudo, se eu tivesse me comportado de acordo com as normas. Eu não quis viver aquela vida, mamãe, eu

quis ser livre. Escolhi a solidão, a coragem de aceitar quem sou apesar de saber que meu amor é sem esperança.” (MAZZUCCO, 2003, p.272)

Segundo Said, existe uma verdade no exílio, uma verdade errante, de passagem, verdade nômade, que se opõe a uma outra da tradição ocidental, sedentária, enraizada, fixamente demarcada no solo. Essa verdade nômade não se apóia na certeza do chão; não é permanente nem se deixa possuir, é móvel, passageira.<sup>1</sup> Para Blanchot, permanência e certeza não constituem os únicos recursos autênticos de morar no mundo, também o nomadismo o é e se afirma como “residência que não se liga a determinado lugar, nem à fixação da realidade fundada antes, segura e permanente”. (BLANCHOT, 1969, p. 185). Lévinas acrescenta que “a liberdade, em contraste com a forma sedentária de existir, é talvez a maneira humana de estar no mundo” (LÉVINAS, 1997, p.40). Sob este ponto de vista o exílio não seria fuga, mas abertura para outro mundo, desconhecido, estrangeiro, estranho. Blanchot lembra que o prefixo das palavras *exílio* e *êxodo* é o mesmo da palavra *existência*. Existir significa literalmente sair (*sistere*) fora (*ex-*), é a vida que avança para fora do lugar de origem. **Deste modo cai por terra a certeza de uma identidade conhecida, definida, ao redor da qual o mundo gira.**

As viagens da Annemarie são tudo isso. Viagens para outros lugares, outros mundos, físicos e mentais, lugares onde permanência e movimento, fixação e liberdade, identidade e alteridade se opõem e se encontram. Annemarie viaja nos territórios dos nômades: “Desertos de pedra e oceanos de areia, [...] Era um mundo cruel, solitário, no qual a condição humana perde o supérfluo e fica reduzido a sua rude essência” (MAZZUCCO, 2003, p. 136), e afirma para si mesma:

“Estou fazendo esta viagem para não ter que ser ninguém: só eu mesma. Não busco nem o prazer, que a todos parece intrinsecamente ligado à viagem, talvez porque o movimento é liberdade [...] quero ser a estrangeira, a nômade, peregrina errante em todas as estradas do mundo e não preciso de companhia para isso”. (MAZZUCCO, 2003, p.136)

Annemarie viaja e vive um estado de descontinuidade, separada, e ao mesmo tempo sente-se atraída por suas raízes, pela sua terra, pelo seu passado. Sente necessidade urgente de reconstruir sua vida despedaçada e gostaria de sentir-se parte de uma ideologia. Ocupa grande parte da sua vida em compensar a desorientação que a perda causa. Esta ruptura no tempo e no espaço é insanável. O novo mundo que ela busca reconstruir toda vez que parte é artificial e sua irrealidade assemelha-se à ficção. O único mundo recorrente, porque carrega dentro de si mesma, é a sua escrita, o seu lugar privilegiado.

Annemarie procurava antes de tudo se afirmar como escritora, lutando contra a vontade de sua mãe e da família, as quais: “Não confiam nas palavras. Não sabem que estas duram mais que a verdade”. O preconceito materno por outro lado considera: “Os escritores são pessoas doentes. Parasitas. Nulidade. Escrever é sinal de fraqueza. Que importância tem para os outros nossos pensamentos, nossos sentimentos ?”(MAZZUCCO, 2003, p.70) Annemarie replica:

“Mas eu sou exatamente o contrário, e partilharia com prazer os meus pensamentos, as minhas sensações com mil, dois mil, dez mil, cem mil pessoas, se quisessem lê-los. Alias, é isso mesmo que quero. Falta de compreensão e solidão são horríveis. Por favor, mamãe, não despreze a única coisa que importa para mim.” (MAZZUCCO, 2003, p.70)

---

<sup>1</sup> Cabe aqui lembrar o conto de Guimarães Rosa *A terceira margem do rio* (*Primeiras estórias*. Editora Nova Fronteira, 2001) e, recentemente, o filme *500 almas*, de Joel Pizzini, no qual se traz depoimento da tribo indígena Guatô que está procurando fixar-se ao solo de uma ilha do rio Paraguay; um dos entrevistados fala que até agora a morada da tribo Guatô sempre foi a canoa no rio.

Sua mãe considera que “escrever é arma perigosa, uma forma violenta de justiça. Quem escreve é dono de tudo [...] Esta é a única arma que Annemarie sempre teve mais que ela [sua mãe]. Ou foi a única coisa que lhe foi concedida – e, ao contrário, proibida”. (MAZZUCCO, 2003, p.419)

Para Annemarie, o ato de escrever foi uma luta contra tudo e todos, mas também foi seu modo para sobreviver, pois embora tenha tido uma vida curta, permaneceu nos livros dos outros e nos seus próprios livros que após quase cinquenta anos da sua morte são publicados. A mesma Schwarzenbach escreve no capítulo *A estepe*, do livro *A estrada para Kabul*: “«Nossa vida é semelhante a uma viagem ...» e assim **a viagem me parece**, mais que uma aventura, uma excursão em lugares insólitos, **uma imagem concentrada da nossa existência**”. (SCHWARZENBACH, 2006, p.31)

O exílio, portanto, não é apenas uma questão geográfico, nem é só um momento mental, é também algo textual. O escritor carrega consigo as suas raízes nas palavras que se transformam em texto. O narrador do romance *L' amata perduta*, de Johannes Urzidil, afirma: “A minha pátria é o que escrevo”. (URZIDIL, 1982, p. 51) E também o poeta Edmond Jabès, com os seguintes versos, se coloca no universo da escrita: “Deixei uma terra que não era a minha / Por uma outra que, tampouco, me pertence. / Refugiei-me num vocábulo de tinta, que tem / O livro por espaço, / Palavra de lugar nenhum, / palavra obscura do deserto.” (JABÉS, apud MALDONATO, 2004, p.29)

Exílio, escrita, identidade, atraem-se mutuamente. A escrita é por si mesma errante, exílio de si mesma, e, assim sendo, dela participam todos os escritores. O texto, como identidade narrativa, ou melhor, narrável, pede para ser narrado, está aberto, exposto às mudanças, portanto mutável. O “eu” e o “outro” se revelam nas palavras, ao contá-los ou serem contados, na narrativa se encontra a identidade, uma espécie de exposição do que “eu sou”, o que “tu és”, o que “nós somos”.

Na palavra narrada, Annemarie encontra os seus vários “eus”, encontra, ou melhor, constrói a própria identidade e afirma a própria liberdade. Como diz Foucault: “Não me perguntem quem sou eu e não me peçam para continuar o mesmo. Isto é uma moral de registro civil: impera nos nossos documentos. Ao menos deixem-nos livres quando se trata de escrever”. (FOUCAULT, apud MALDONATO, 2001, p.11)

Finalmente Annemarie encontra no ato de escrever aquilo que, segundo as palavras de Adorno, compara-se a uma casa: “a única ‘casa’ acessível hoje em dia, apesar de frágil e vulnerável, é a escrita; no seu texto o escritor levanta uma casa [...] Para quem perdeu a terra natal, escrever se torna o lugar onde viver”. (ADORNO, apud SAID, 2003, p.315)

## **Referências Bibliográficas**

<sup>1</sup> AGOSTINO. *Les Confessions*. XI, 14º. Paris : GF-Flammarions, 1964

<sup>2</sup> ADORNO, apud SAID Edward. *Reflexões sobre o exílio e outros ensaios*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003

<sup>3</sup> BLANCHOT, Maurice. *L'entretien infini*. Paris : Gallimar, 1969

<sup>4</sup> FOUCAULT, M. Apud MALDONATO, Mauro. *A subversão do ser. Identidade, mundo, tempo, espaço: fenomenologia de uma mutação*. São Paulo: Petrópolis. 2001

<sup>5</sup> JABÉS, Edmond, apud MALDONATO, Mauro. *Raízes errantes*. São Paulo: Editora 34, 2004

<sup>6</sup> LÉVINAS, Emmanuel. Une religion d'adultes. Em *Difficile liberté: essais sur le judaïsme*. Paris : Livre de Poche, 1997  
MALDONATO, Mauro. *A subversão do ser. Identidade, mundo, tempo, espaço: fenomenologia de uma mutação*. São Paulo: Petrópolis. 2001

<sup>7</sup> MALDONATO, Mauro. *Raízes errantes*. São Paulo: Editora 34, 2004

<sup>8</sup> MAZZUCCO, Melania. *Lei così amata*. Milano: Rizzoli, 2003

<sup>9</sup> SAID, Edward. *Reflexões sobre o exílio e outros ensaios*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003

<sup>10</sup> SCHWARZENBACH, Annemarie. *La via per Kabul*. Milano: Il Saggiatore, 2006

URZIDIL, Johannes. *L'amata perduta*. Milano: Adelphi, 1982

---

<sup>1</sup> Sara DEBENEDETTI, Mestre em língua e literatura italiana pela USP-FFLCH-DLM, Doutoranda em Teoria Literária e Literatura Comparada (USP- FFLCH-TLLC)  
[s.debenedetti@uol.com.br](mailto:s.debenedetti@uol.com.br)